

A DESTRUIÇÃO DA RAZÃO [GEORG LUKÁCS]DOI: <http://dx.doi.org/10.9771/gmed.v13i1.43741>Ranieri de Carli¹

É publicada no Brasil no ano de 2020 a obra de Georg Lukács que talvez tenha provocado maiores polêmicas ao longo dos anos. Graças à iniciativa do Instituto Lukács (diga-se, uma de suas últimas iniciativas, uma vez que esse projeto de divulgação das ideias de Lukács encerra suas atividades em seguida), temos em língua portuguesa *A destruição da razão*, livro de crítica à filosofia escrita por Lukács desde a Segunda Guerra Mundial, mas vindo à luz em 1953. O livro é traduzido por Bernard Hess, Rainer Patriota e Ronaldo Fortes, com a revisão de Ronaldo Fortes e Ester Vaisman.

Não se trata de qualquer filosofia a que Lukács submete à sua crítica; em *A destruição da razão*, critica-se substancialmente a filosofia irracionalista, desde Schelling (em sua fase tardia), até os intelectuais, como Chamberlain, que fizeram parte do caldo cultural que marca a ascensão de Hitler ao poder. No interior do trajeto que nos conduz de um até outro, passa à nossa frente um conjunto imenso de filósofos e sociólogos que reagiram ao progresso da razão dialética, inicialmente com aqueles que se puseram contra Hegel, como o segundo Schelling, Schopenhauer e Kierkegaard, para depois nos depararmos com os que tiveram em Marx o principal adversário, de Nietzsche adiante. Como explica José Paulo Netto (1978, p. 41), “o texto [de *A destruição da razão*] expõe a emergência do irracionalismo moderno, a sua aparição e expansão até se converter em corrente dominante da filosofia burguesa do período imperialista”. A bem dizer, nem todos os intelectuais que são arrolados por Lukács em *A destruição da razão* são partidários inequívocos do irracionalismo mais desenfreados, como o caso de Ferdinand Toennies e Max Weber, por exemplo – o que, aliás, nos é avisado pelo próprio Lukács –, embora tenham tomado partido da reação à dialética de Marx, deixando, assim, a porta de entrada ao irracionalismo entreaberta.

Em *A destruição da razão*, Lukács busca caracterizar o irracionalismo como uma das respostas possíveis do pensamento da ordem face à razão dialética. Entre os aspectos elencados por Lukács como sendo os que melhor caracterizam o conjunto do irracionalismo estão a negação da processualidade da história, a busca de um novo órgão do conhecimento para além da razão (como a intuição, por exemplo), a defesa da teoria aristocrática do conhecimento, a oscilação entre a apologia direta e a indireta ao capital, a naturalização das mazelas produzidas pela sociabilidade burguesa, entre outros.

Quando aloca a colisão entre racionalismo e irracionalismo como sendo a principal peça para se narrar a história da filosofia desde os fins da Revolução Francesa, Lukács modifica o eixo em torno do qual girava as leituras da dogmática stalinista à época. Vejam que um filósofo membro do oficialato stalinista como Zhdanov (1948, p. 53) afirmava que “na medida em que o materialismo cresce e se desenvolve no embate contra as correntes idealistas, a história da filosofia é também a história do embate do materialismo contra o idealismo”. Opunha-se de forma absoluta o idealismo, de um lado, e o

materialismo, de outro, chegando ao extremo de ver em Hegel um pensador reacionário a ser combatido. Ao invés de persistir no dogma vigente, para o qual a história da filosofia se reduzia na luta dos materialistas contra os idealistas, Lukács mudou a chave, pondo no centro do palco o embate entre os defensores da razão e seus oponentes irracionalistas. Quer dizer que, embora sejam ambos idealistas, Hegel e o Schelling tardio não lutam na mesma trincheira. A referida mudança de chave promovida por Lukács faz com que Hegel esteja entre os progressistas, sendo o autor de um método do qual Marx seria o herdeiro, ainda que o pondo de pés no chão.

A propósito da recusa de aceitar o dogma vigente em *A destruição da razão*, Lukács (1999, p. 103) explicaria mais tarde em seu *Pensamento vivido*:

Naquela época, escrevi meu livro sobre Hegel, na segunda metade dos anos 30, num período em que Zdanov já dizia que, na verdade, Hegel era o ideólogo da reação feudal contra a Revolução Francesa, e não se pode afirmar que meu livro sobre Hegel seja uma exposição dessa ideia. Mais tarde, Zdanov apresenta, com Stalin, toda a história da filosofia como a luta entre materialismo e idealismo. *A destruição da razão*, ao contrário, que no geral foi escrita durante a guerra, põe no centro de reflexão uma oposição totalmente diversa, isto é, a luta entre a filosofia racional e irracional. É verdade que os irracionalistas eram todos idealistas, mas eles também tinham antagonistas racionalistas-idealistas. Portanto, a oposição que exponho em *A destruição da razão* é totalmente incompatível com a teoria zdanoviana.

O método de *A destruição da razão* não apenas choca-se com aquele que o oficialato stalinista colocava em prática, como também recupera a postura assumida originariamente por Marx, quando o fundador da dialética materialista escreveu no livro I de *O capital* dizendo-se devedor de Hegel, denunciando os espadachins a serviço da burguesia conservadora que tratavam o dialético idealista como um “cachorro morto” (MARX, 2013, p. 91). Em *A destruição da razão*, Hegel é corretamente valorizado para que o leitor perceba o quanto foi vertiginosa a decadência ideológica da burguesia que obteve lugar a partir do segundo Schelling. Com efeito, como está escrito na passagem acima do *Pensamento vivido*, *A destruição da razão* é uma continuação direta de *O jovem Hegel e os problemas da sociedade capitalista*, publicado por Lukács em 1948. Nessa obra, entre outros argumentos, Lukács defende que Hegel é o maior momento do pensamento burguês; é o pensador que alcançou o mais elevado grau de abstração possível no interior do ideário da burguesia revolucionária; depois de Hegel, no momento posterior às revoluções burguesas, quando a burguesia se torna conservadora diante das lutas históricas, os seus ideólogos não estão mais em condições de reproduzir o mesmo grau de abstração obtido; daí, decai-se do alto de um Hegel para o nível raso de um Schelling, Schopenhauer, Kierkegaard, Nietzsche, etc., descendo ao chão rasteiro de um Gobineau ou um Chamberlain.

É de especial atenção em *A destruição da razão* o fato de que Lukács caminha na direção de dois métodos, ou, melhor dizendo, duas dimensões de um mesmo método: em primeiro lugar, antes de se debruçar sobre algum autor, o pensador húngaro expõe as circunstâncias experimentadas pela Alemanha no tempo do referido autor, ficando-o, portanto, nas raízes da história, nas lutas de classes historicamente situadas em solo alemão, fazendo com que ele tenha o seu tempo e lugar particulares, cuja

filosofia responde àquelas circunstâncias e a nenhuma outra; sempre quando inicia um capítulo de *A destruição da razão*, Lukács descreve as circunstâncias históricas que calçam o pensador a ser criticado. Em segundo, Lukács procede rumo à crítica imanente às obras por ele criticadas, como corretamente sustenta Chasin (2009); isto é, não basta a Lukács que o autor criticado esteja enraizado na correlação de forças historicamente determinada de seu tempo (ainda que seja o pressuposto de toda crítica devidamente materialista-dialética); para além disso, há que se tomar a letra mesma desse autor em mãos e destrinchar as suas ideias, recompor as minúcias de sua argumentação, etc.; é preciso traçar os caminhos que o autor percorreu para responder às questões que ele se colocava; por exemplo, que Heidegger tenha sido um filósofo que, no período do capitalismo imperialista, defendeu o subjetivismo parasitário, não é suficiente para compreender como no interior de *Ser e tempo*, o filósofo existencialista chegou à ideia de que a autenticidade humana está em se voltar para a intimidade, longe do que ele entendia como sendo o turbilhão equalizador da massificação da cultura; a crítica imanente é capaz de desvendar a trama dos conceitos de *Ser e tempo* e, assim, cumprir a tarefa a que se designa.

A destruição da razão é uma resposta de Lukács à época que assiste à ascensão de Hitler, como fica evidente num mínimo sobrevoos por suas páginas. É, nesse sentido, uma obra marcadamente atrelada a seu tempo. Daí provém algumas questões do livro, típicas do período em que foi escrito, como a linguagem bastante áspera no trato dos ideólogos da burguesia alemã; o seu posfácio, cujo conteúdo assemelha-se a uma verdadeira concessão à guerra fria; as polêmicas atualmente já ultrapassadas, como a pertinência das ideias do biólogo russo Lyssenko, etc. Obviamente, nada disso é para se apagar do texto, senão para ser lido e relido como fruto de um período de lutas das mais intensas para o movimento operário, no seio do qual estava Lukács. Soma-se a isso, ademais, o fato de que o livro é efetivamente um acerto de contas de Lukács com o seu passado filosófico. Como se sabe, em sua juventude, Lukács esteve alinhado às ideologias que, agora, merecerem a sua severa crítica em *A destruição da razão*. Principalmente a filosofia da vida de Georg Simmel e o positivismo neokantiano de Max Weber. Como argumentamos em outro lugar (cf. CARLI, 2013), pode-se dizer que *A destruição da razão* é a crítica derradeira que Lukács efetua na direção de seu próprio passado – quando escreveu sob o signo das correntes filosóficas mencionadas *O drama moderno*, *A alma e as formas*, *Filosofia da arte*, *A teoria do romance*, *A estética de Heidelberg*, entre outros –, o que em parte inclui até mesmo *História e consciência de classe*, de 1923, coletânea de ensaios escritos quando o pensador húngaro já havia se convertido ao marxismo, embora contivesse resquícios de algumas ideias que sustentava em sua juventude.

De resto, saúda-se a empreitada do Instituto Lukács, cujo resultado foi a publicação de *A destruição da razão* em língua portuguesa. Consiste num livro de imenso valor filosófico, denso em sua proposta, que Lukács leva a cabo com a conhecida inteligência. A atualidade do livro é fora de questão quando se percebe as vertentes do irracionalismo atual, que, à sua maneira, recompõe várias das ideias criticadas por Lukács em *A destruição da razão*. Para compreensão do irracionalismo atual, *A destruição da razão* é de estudo obrigatório, ainda que fale de correntes irracionalistas rigorosamente situadas no tempo – como a filosofia de Foucault, bastante devedora do irracionalismo desmedido de Nietzsche, para mencionarmos apenas

um exemplo entre vários. A tradução para o português chega em um momento cheio de contradições do capitalismo tardio; por certo, sua leitura será de grande auxílio para desvendar as ideologias que, ao negarem a racionalidade dialética, mistificam o nosso presente.

Referências

- CARLI, Ranieri. **György Lukács e as raízes históricas da sociologia de Max Weber**. Rio de Janeiro: Lúmen Júris, 2013.
- CHASIN, José. **Marx – estatuto ontológico e resolução metodológica**. São Paulo: Boitempo, 2009.
- LUKÁCS, Georg. **Pensamento vivido**. São Paulo: Estudos e edições Ad Hominem; Viçosa: Editora da UFV, 1999.
- MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. São Paulo: Boitempo, 2013.
- NETTO, José Paulo. **Lukács e a crítica à filosofia burguesa**. Lisboa: Seara Nova, 1978.
- ZHDANOV. **Literatura y filosofía a la luz del marxismo**. Montevideo: Ediciones Pueblos Unidos, 1948.

Recebido em: 21 de abril de 2021.

Aprovado em: 22 de abril de 2021.

Notas

¹ Doutor em Serviço Social pela UFRJ. Professor da Universidade Federal Fluminense (UFF), campus Rio das Ostras. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2425961255445710>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5821-3496>.